

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 29 de maio de 2013

Textos de referência: J. Carrón, “Introdução”, em “Quem nos separará do amor de Cristo?”, supl. Passos, Junho 2013, pp. 1-6; J. Carrón, “Ubi fides, ibi libertas”, Passos, maio 2013; J. Carrón “O outro é um bem, também na política”, La Repubblica, 10 de abril de 2013.

- *L’iniziativa*
- *Romaria*

Glória

Carrón: Retomamos a Escola de Comunidade com o trabalho que foi proposto: a Introdução dos Exercícios da Fraternidade, o texto “*Ubi fides, ibi libertas*”, em Passos de maio, e a carta que escrevi para *La Repubblica*, no último dia 10 de abril. São todos instrumentos que têm como objetivo aprofundar o que foi dito em Rímíni.

Colocação: *Da introdução de sexta-feira dos Exercícios, há algo que me tocou imediatamente, que foi a primeira afirmação que você fez: não basta o nosso fazer para despertar a nossa humanidade. Essa questão me provocou muito porque, se por um lado tenho certeza de que não nego essa afirmação, por outro, na vida cotidiana, normalmente acontece o contrário, normalmente prevalece a organização, o fazer, o querer organizar de algum modo as questões e o dia, na tentativa ilusória de que isso seja útil à minha humanidade, que desperte a minha humanidade. E descubro que o Senhor utiliza as circunstâncias mais estranhas, até as mais comuns, para me corrigir. Aconteceu o seguinte: uma manhã, cheguei no escritório e me disseram que um cliente queria falar comigo, um cliente que realmente não esperava. Fui recebê-lo contra a vontade (porque já tinha programado o que faria naquela manhã). É uma pessoa que conheço há tempos, muito competente, bom, muito querido, que no último ano foi tocado dramaticamente pela vida. Veio me pedir um parecer sobre questões envolvendo dinheiro. Fiz algumas perguntas para me informar sobre o assunto, e num determinado momento, ele me disse: “Olha, eu sei que aquele dinheiro não me pertence, porém, se eu tiver a mínima possibilidade, uma mínima chance de poder me vingar, eu o farei, porque me trataram mal”. Então, comecei a dizer o que eu achava. E no final desse encontro, enquanto me despedia dele – eu poderia fechar a questão assim, com indiferença, porque era um imprevisto que estava fazendo eu perder tempo naquela manhã –, emergiu em mim de modo impressionante a necessidade de não deixar escapar a questão central daquilo que ele estava me contando. E perguntei: “Desculpa, o senhor tem certeza de que pode responder uma injustiça com outra? É possível viver assim, desse jeito?”. E a questão terminou aí. Fiquei tocado pelo fato de ter entendido que em mim – em nós – há algo de irredutível, que eu posso tentar censurar e esconder, mas que no impacto com a provocação da realidade emerge; em algum momento, emerge. E é a mesma questão, me parece, que você levantou na carta do La Repubblica, e que me tocou porque, ao contrário de muitos comentários que li sobre a situação italiana – cito os mais tolerantes, que diziam: “Precisamos recomeçar juntos, precisamos esquecer o ódio para fazer algo pela Itália” –, você não se limitou a isso, mas foi no fundo da origem que permite essa convivência, essa possibilidade de*

estarmos juntos. E esta, para mim, é uma postura que nasce da fé, isto é, de um homem investido pelo acontecimento de Cristo e que é capaz de olhar a fundo a realidade desse modo, e julgá-la.

Carrón: Mas porque você acha que isso tem a ver com a fé?

Colocação: *Acho que tem a ver com a fé porque só uma posição de fé assim tem a capacidade de despertar o humano que há em mim.*

Carrón: Quer dizer: o que desperta o humano, como sempre dissemos a partir do capítulo dez de *O Senso Religioso*, é a realidade. Você descreveu fatos reais. Ponto. São eles que fazem despertar. A questão é que quanto mais eu vivo a fé tanto mais a minha humanidade emerge exatamente porque é despertada pelo encontro com a Presença excepcional, exatamente porque a convivência com Jesus, como dissemos em “*Ubi fides, ibi libertas*”, nos torna cada vez mais capazes de experimentar que as coisas nos falam. De fato, o que lhe impressionou foi que você poderia não se importar com aquilo que lhe acontecia naquela manhã, durante aquela visita inesperada, como eu poderia não ter-me dado conta da origem do caos político. Tem a ver com a fé porque vivendo diante da Presença de Cristo, vivendo em um lugar onde Cristo acontece, o Mistério nos educa a sermos cada vez mais disponíveis, portanto a nos deixar ser tocados por tudo. Não porque as coisas sejam diferentes (o outro se depara com a mesma realidade que eu), mas porque é diferente a capacidade de maravilha de um eu agarrado por Cristo. Por isso – como nos dissemos há alguns anos – a fé não achata o humano. Pelo contrário, o que a fé faz é exaltar o humano. De fato, o senso religioso é a verificação da fé, e nesse sentido tem a ver com a fé: ser cada vez mais maravilhado com o fato de que a realidade me fala (não que eu seja capaz de fazer alguma coisa), por isso – como você disse muito bem – a construção da minha vida não começa da minha ação, mas deste deixar-me constantemente tocar por uma Presença que me desperta constantemente, tanto que tudo se torna sinal, qualquer que seja a circunstância. Este é o desejo que temos: que possamos viver todos assim! Porque a alternativa a isso é sermos achatados por tudo que acontece.

Colocação: *Ou ficarmos com muita raiva.*

Carrón: Como sabemos bem... Obrigado.

Colocação: *Fiquei tocado quando retomei a Introdução dos Exercícios, mas já naquela noite em Rímíni fiquei tocado de maneira física, quase, quando você concluiu citando o Apocalipse: “És perseverante, pois sofreste por causa do meu nome, mas não esmoreceste. Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado teu primeiro amor”. E você sublinhou: “Onde está nosso primeiro amor?”. Foi como um punhal no coração, por um lado, libertando-me (porque era como se finalmente tocasse aquilo que realmente me interessa) e, por outro, reabrindo a ferida. Meu primeiro amor é a única coisa que me interessa, e voltar a olhá-lo é o que me faz viver, que me recoloca em movimento. Conto dois fatos. No fim de abril por ocasião do aniversário da minha ordenação foi feita uma festa (bem feita, eu diria) com pessoas vindas de vários lugares, e muitas delas não se conheciam. Comemos pernil recheado e depois cantamos algumas canções. A primeira foi dedicada a mim. Assim que a música começou, eu teria ido embora, não por timidez, mas porque havia algo que me incomodava. E, de repente, pensei: bem, talvez seja por causa do meu temperamento. Porém, entendi que o problema era que olhar aquela festa tendo como centro o meu aniversário, era me afastar do primeiro amor, chegando a ficar sem ar. Por quê? Porque no centro da festa, na verdade, era muito evidente que havia uma história de amizade feita por Ele, que Ele traçou, e Ele era a razão pela qual valia a pena fazer a festa. Porque para mim*

era muito claro que Ele tem uma fisionomia que, se colocada no centro, enche os corações, mas assim que desviamos o olhar tudo se torna pesado. O segundo episódio foi um encontro em que você falou sobre uma dificuldade que tínhamos encontrado. Foi uma discussão bastante dura, e você esclareceu um pouco a situação ajudando-nos a dar um passo. Enquanto você falava, percebi que eu discordava e queria dizer: “Não é exatamente assim”, queria colocar os pingos nos “is”. Mas ali, mais uma vez, ficou muito evidente que eu precisava escolher se me deixava fascinar por Sua presença, que você descrevia, fazia emergir, colocava no centro e criava uma unidade que era bonita de ver, ou se colocava os pingos nos “is” e continuava fechado nas outras coisas. Fiquei impressionado porque é exatamente o que o Papa diz, isto é, que a única coisa que faz viver é ir atrás d’Ele assim como se mostra, fascinante como é, senão nos apoiamos em estruturas (que podem até ser: do Movimento, cristãs, que falam d’Ele) que não fazem viver.

Carrón: Como alguém pode ver onde está o primeiro amor e o que aconteceu com ele? Quando está em uma festa e se surpreende ao perceber que é belíssima e que foi organizada com toda a boa intenção, mas que Ele não está no centro. É como se começasse a se tornar nosso aquilo que Dom Giussani nos testemunhou no episódio daquela festa que citamos na página 23 do livreto dos Exercícios. Isso descreve o caminho que estamos fazendo e ajuda a responder às perguntas que muitas vezes nos fazemos. Uma pessoa escreveu: “Meu namorado está no exterior há alguns meses. Pouco tempo depois de estar lá ficou tocado pelo fato de, apesar de ser uma cidade prevalentemente atea, ou no máximo protestante, há famílias belíssimas, casais jovens que se casam, têm filhos, trabalham muito para poder voltar para casa pelas quatro da tarde e dedicar-se à família. “É muito bonito!”, me disse. Mas ao mesmo tempo, logo depois, perguntou: “Mas, se essas pessoas que são ateias têm famílias tão bonitas, o que acrescenta, qual é o a mais do cristianismo?”. Sinceramente, no início não me parecia uma pergunta inútil, mas com resposta óbvia. Estava um pouco desconfortável pelo fato de ele estar curioso e tão atraído pela possibilidade de que o mundo sem Cristo fosse possível e belo. Depois, os Exercícios começaram com aquela mesma pergunta que precisei, naquele ponto, levar, por força, em consideração mais seriamente. Na semana seguinte, fui encontrá-lo e pude ver e tocar com a mão que é o lugar perfeito, onde é inútil ser bom [a famosa imagem de Eliot], onde se pode fazer de tudo, basta respeitar as regras, que ensinam possibilidade das coisas. Mas não sua verdade. E quando voltei para casa, a pergunta dos Exercícios estava ainda mais viva. ‘Que diferença há entre ser pessoas boas e um cristianismo de carne e osso?’ ”. É essa pergunta que urge cada vez mais. Por quê? Porque muitas pessoas são boas e vivem assim (a pessoa pode ir à festa e se satisfazer com isso). Giussani diz isso bem em *L’attrattiva Gesù* (na página 65) respondendo a uma pessoa que tinha voltado da África: “Se lá você percebia algo a mais de bem, era porque você tinha fé: fique atenta para não perdê-la aqui. É mais fácil perdê-la aqui [dizia isso numa casa dos *Memores Domini*, que pareceria o lugar mais adequado para poder viver a fé] do que na África, é mais fácil perdê-la na sua casa do que até mesmo na África. [...] Porque a sua casa, criada pelo influxo de Cristo, é tão cheia de humanidade, cheia de cores e de sabores e de figuras, é tão diferente da vida comum, que lhe satisfaz. Por isso, satisfeita pela companhia, você esquece a raiz da companhia”. Quer dizer: podemos criar um mundo cheio de humanidade, que tem sua origem na presença de Cristo, e não sentir mais a necessidade de dizer o Seu nome, não sentir mais a urgência daquela tensão interminável, daquela exasperada tensão a dizer o Seu nome. Porque não sentimos a sua falta. Mas se é assim, então, a pessoa se pergunta: se os ateus têm famílias tão bonitas, o que acrescenta, qual é o a mais do cristianismo?

Por isso, se nós não entendemos o que é este a mais, se nós, fazendo o caminho da vida, não percebemos a diferença entre o fato de que tudo vá bem e a urgência de Cristo, cedo ou tarde perdemos o interesse pela fé. E como temos dificuldade de perceber isso, depois, quando a pessoa tem uma urgência, quando alguém tem uma pergunta, quando alguém tem um desejo, não sabe o que fazer: “Depois de trinta anos de Movimento, vinte de casamento e dois filhos adolescentes, sinto-me contra a parede. Não sou feliz. Tenho tudo, mas não sou feliz. Tenho uma mulher que me ama, dois filhos que vão bem na escola, um trabalho bem remunerado, mesmo nessa época de crise, mas estou insatisfeito, isto é, não estou contente comigo mesmo. Digo que me sinto contra a parede porque a exigência de ser feliz é realmente grande, a ponto de me causar desconforto, de me dar dor de cabeça. Vou voltar ao psicólogo para que ele me ajude, mas com certeza não resolverei o problema, já passei por isso. Vejo que desloco o problema da minha insatisfação culpando uma vez o trabalho, outra, os afetos. Realmente acredito que estou contra a parede, não posso mais mentir para mim mesmo. Tenho cinquenta e quatro anos. Você nos disse que é nos momentos de dificuldade que se vê a quem a pessoa está agarrada, o quanto Cristo é importante e quanto o são as próprias ideias”. O fato de nós experimentarmos essa tensão, essa insatisfação, nos faz constantemente necessitados de Cristo. Olhem que a grande tentação do poder é a de nos fazer acreditar que estamos satisfeitos. A tentação do Grande Inquisidor de Dostoiévski é essa, tanto é verdade, que Jesus aparece como alguém que vem para perturbar. Mas nós não queremos perturbações, queremos que nos deixem em paz! Eu lhes pergunto: esse deixar-nos em paz é a felicidade, é a plenitude, é a realização da vida? Cada um deve olhar de frente essa pergunta, deve fazer experiência dela, porque são coisas que não se entendem através de uma explicação. Vocês continuam fazendo perguntas as quais vocês mesmos devem responder, como me escreve uma pessoa: “Diante da pergunta: ‘O que eu espero de Cristo?’, o que quer dizer este ‘tudo’ do qual você fala?’ ”. É você que deve me dizer isso, não perguntar a mim! Porque essa é a verificação da fé. Outro escreve: “O que quer dizer exatamente esperar tudo do fato de Cristo? O que quer dizer viver o fascínio por Cristo no cotidiano?”. É isso que é preciso descobrir dentro da própria experiência. Respostas... Existem muitas respostas, mas não existem experiências que respondam às perguntas. Não é que se eu respondo com palavras, satisfaço a insatisfação de vocês, porque não é uma explicação que satisfaz, é uma experiência! Percebamos que o fato de a pergunta ser despertada em nós é a única possibilidade da verificação da fé, e que é ali, ali, diante dos desafios da vida que eu posso ver a diferença: o que Cristo introduz e qual é o a mais do cristianismo. Se não, o a mais do cristianismo para nós torna-se uma frase pintada no muro que ouvimos muitas vezes, mas da qual não sabemos que experiência representa. E isso mostra até que ponto não basta repetir certas frases como algo óbvio, como pressuposto óbvio, porque foi exatamente tendo feito assim, como muitos países da Europa demonstram, que perdemos a fé pelo caminho. Ou nós nos damos conta disso, ou o primeiro amor já desapareceu do horizonte. Por isso, a pergunta de Cristo é apenas esta: “Quando Eu voltar, encontrarei alguém a quem faço falta, alguém cuja vida seja a espera de Mim?”.

Colocação: *Fiquei muito tocado quando na sexta-feira à noite, nos Exercícios, você fez a pergunta: “O que permanece do fascínio por Cristo?”. Tive uma conversa com um colega, um novo consultor que conheço pouco e é um pouco mais velho que eu. Estávamos almoçando, dois casados e dois solteiros, ou melhor, dois com filhos e dois sem filhos. Num certo momento, conversávamos sobre crianças e casamento, e esse homem disse: “Na verdade, eu queria me casar, depois ouvi todas aquelas histórias*

pelas quais a pessoa tem filhos, depois as coisas vão mal e acabam dormindo debaixo da ponte porque não têm mais dinheiro”. Um outro justamente respondeu: “ Olha, casado ou solteiro é igual, se devem te tirar algo...” . E eu digo: “Desculpe, mais do que as questões práticas, o fato de que você possa se casar, isto é, que possa estar com uma pessoa durante toda a vida, é algo desejável ou não?”. “Claro que é desejável, porém eu me dou conta de que não posso dizer uma frase como a que se diz durante a cerimônia de casamento (‘Prometo ser fiel para sempre’), se eu for sério comigo mesmo não posso dizê-la”. “Certo, porém, é desejável ou não?”. “Desejável é”. Então, eu lhe disse: “Desculpa, mas mais do que parar sobre o fato de que você não consegue, poderia ser interessante olhar para quem consegue para entender de onde a pessoa tira essa força”. Eu não sabia se ele frequentava alguma Igreja, então estava um pouco cauteloso porque o assunto evidentemente me interessava, porém não queria forçar dizendo coisas que talvez não fosse entender. Disse: “Olha, na minha experiência, o que vivi é que no casamento cristão existe realmente uma força a mais que vem do Sacramento”. E ele me disse: “Porém, não fiz esse percurso de fé. Eu entendo que é algo sugestivo que eu deveria fazer, porém, não fiz”. E eu respondi: “Olha, não é tanto uma questão sugestiva no sentido de que se deve pensar a respeito, é uma questão pessoal sem dúvida, porém é algo que a pessoa reconhece, é algo que a pessoa vê e então deseja fazer. Para mim, foi assim”. Depois, a conversa continuou. Eu percebi, falando com ele e depois pensando a respeito, que independente de tudo, a pessoa quer amar a mulher e os filhos, sem dúvida, porém o que eu descobri no casamento cristão foi exatamente o olhar de Zaqueu e Jesus que você descreveu: de que modo será que se sentiu olhado quando foi chamado? Eu fiz experiência do perdão dentro da família e isso não pode acontecer se a pessoa está sozinha, não há essa possibilidade de olhar a outra pessoa apesar dos erros. Depois daquela conversa, disse a mim mesmo: tudo vem daqui, vem exatamente desse olhar capaz de acolher a pessoa como é. Conheço dois amigos que esperam uma menina que tem uma má-formação, que talvez tenha alguma síndrome, que dizem: ‘Nós queremos essa menina’. Há a possibilidade de fazer amniocentese, mas eu vi o olhar dessa mãe, que dizia: “Não quero fazer esse exame, não me interessa, quero olhar essa menina no rosto”. Isso não pode acontecer a não ser com alguém que foi olhado assim e que traz esse olhar na memória. Depois, pode ser que durante o dia você tenha mil pensamentos, mas isso marca você e mantém o casamento em pé, mantém a vida em pé. Portanto, aqui existe o fascínio do cristianismo. Se não existisse, objetivamente essas circunstâncias não poderiam estar de pé.

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Começo de uma coisa que você disse nos Exercícios, que a alternativa é clara: ou reconhecer o fato ou não reconhecê-lo, deixando prevalecer as nossas medidas. Parto disso e do que você explicou depois sobre o seguir, que Dom Giussani diz que seguir significa seguir a experiência da pessoa e não a pessoa. E indo a Roma para o encontro com o Papa, fui sem grandes preconceitos, mas sem grandes expectativas também, muito tranquila também sobre a figura do Papa, mas sem esperar grande coisa. Na verdade, quando ele começou a falar e enquanto falava, eu descobri que estava “vidrada”. O discurso acabou e eu não perdi nenhuma palavra. Nunca tinha acontecido isso comigo, tanto que a única coisa que pude escrever, inclusive a quem me perguntava como tinha sido, foi: “Não perdi uma palavra”. Depois, perguntando a mim mesma o que tinha acontecido, dei-me conta de que quando alguém testemunha um fato que é muito verdadeiro para ele – como o Papa nos contou com seu*

jeito expressivo –, o fato vai além da pessoa, é tão verdadeiro que desperta em mim toda a experiência que fiz, permitindo-me reler muitas coisas. Por exemplo, muitos discursos que fiz com amigos sobre o Movimento, sobre a condução do Movimento, onde percebo que sempre defendo você, defendendo um certo modo...

Carrón: Defende o território...

Colocação: *Porém, descobri que estava defendendo a mim! Quer dizer, defendia a minha experiência e a minha fé. Portanto, mesmo quando o Papa dizia: “Cristo acontece”, é isso que acontece, acontece essa experiência para mim.*

Carrón: Que bonito! Isso já nos introduz ao que diremos sobre o seguir: o que marca é que quando alguém nos testemunha uma experiência, é isso que nos cola. É isso que Dom Giussani nos convida a fazer para não perder toda a beleza daquilo que acontece, tentando não reduzir o seguir a uma das reduções que relacionamos nos Exercícios. O verdadeiro seguimento, aquele que nos toca, que nos arrasta, é participar da experiência de um outro.

Colocação: *Eu também fiquei muito tocada com as perguntas com as quais você abriu os Exercícios da Fraternidade: “Quando o Filho do homem voltar, encontrará fé em mim?”, ou quando, lendo a carta você dizia – e essa foi a pergunta que mais me inquietou – : “O que permanece do fascínio por Cristo?”. E exatamente naquela noite, exatamente na noite dos Exercícios da Fraternidade, enquanto ia dormir entendi que do fascínio de Cristo permanece você, Julián, você que me devolve o fascínio, que me faz essas perguntas que eu nunca me faria. Assim, porque continua a falar comigo, a me corrigir, você é a misericórdia que recria em mim a fé. Talvez esteja dizendo uma coisa heterodoxa, porém pensei muito sobre esses meses: se Dom Giussani tivesse me dado e dito tudo o que você me deu e disse, mas não tivesse me dado você, teria me enganado, porque eu não teria mais esse fascínio. E esta é a segunda observação que eu gostaria de fazer: o que permite perceber essas perguntas como uma promessa e não como uma condenação é uma presença, senão eu não as faço porque as vejo como uma condenação. E a vida torna-se uma série de consequências tiradas de uma presença que existiu e não existe mais, quer dizer, o primeiro amor torna-se um pressuposto óbvio. Isso me impressionou em uma série de fatos, sendo o último deles uma correção que você me fez ontem, que foi o fato culminante para mim de todo este período, julgando uma dificuldade que vivi todos esses meses (que teve como epicentro, em particular, a minha responsabilidade junto aos Colegiais) em que senti um ressentimento, uma desilusão que me parece uma trajetória inevitável de um ímpeto generoso. Porque, como você disse alguns anos atrás ao Grupo Adulto: “A generosidade, antes ou depois, cobra a conta”, e eu a cobro logo! Depois da grande correção de ontem, de repente eu me dei conta de que fazia tempo que eu falava de Cristo, mas que não falava mais com Cristo. E isso, para mim, mostrou a diferença entre a fé como pressuposto óbvio e o reconhecimento de uma Presença. Tanto que não via a hora de chegar a noite para fazer a hora de silêncio, coisa que não me acontecia há não sei quantos meses, não porque não estivesse fazendo a hora de silêncio, mas porque a hora de silêncio era ler coisas sobre Cristo, ler um discurso que me agradava, mas não era mais falar com Cristo. E, para mim, é aí que acaba o fascínio.*

Carrón: Isso introduz o tema da próxima Escola de Comunidade sobre o fascínio do cristianismo como acontecimento. Porque – aproveitemos essa colocação para entrarmos na questão – eu posso falar de Cristo sem sentir a urgência de ir ao Seu encontro. Dá para entender? Uma pessoa me disse recentemente uma coisa parecida com aquilo que você contou, sobre um encontro onde aconteceram algumas coisas: “De

todo aquele encontro, o que ficou foi o momento em que vi uma pessoa viver de Cristo, e desde aquele momento não pude evitar a saudade do silêncio”. Agora você me fez lembrar disso. Quer dizer: o cristianismo permanece como acontecimento e não como palavras, não como discurso, não como instruções de uso. É como quando para alguém não basta saber sobre a pessoa amada, mas quer ir encontrá-la. E isso quer dizer que o fascínio é por Cristo e não por todo o resto; o fascínio é por Cristo. E mesmo que tudo vá bem, a pessoa sabe dizer o que é o *a mais* da vida. Não é preciso que aconteça uma catástrofe, ou algo triste. Não. Pode não acontecer nada de particular, mas no cotidiano é despertado todo o desejo d’Ele, toda a exasperada tensão a buscá-Lo. E isso é outra coisa: é algo da mesma natureza, na sua simplicidade, do início do cristianismo. Jesus não disse a João e André depois de seu primeiro encontro (isso não está no evangelho): “Venham me encontrar outra vez amanhã”. Não havia instruções de uso, mas eles não puderam resistir à vontade de ir encontrá-Lo, de ir procurá-Lo no dia seguinte, e no outro ainda. Não por um moralismo, mas por causa do fascínio de Cristo.

Colocação: *Tenho uma pergunta muito básica, muito simples, à qual talvez você já tenha começado a responder, mas a faço assim como me veio em mente sobre a sexta-feira à noite, que eu percebi como começaram a surgir perguntas cada vez mais intensas, num crescendo, a partir daquela inicial: “Quando o Filho do homem voltar, encontrará fé sobre a terra?”; e depois: “O que permanece do fascínio por Cristo?”, e outra: “Nós ainda acreditamos que Cristo possa preencher a vida?”, até aquela pergunta que foi a mais pronunciada, a do Apocalipse: “És ‘perseverante, pois sofreste por causa do meu nome, mas não esmoreceste. Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado teu primeiro amor’. Onde está nosso primeiro amor?”. A insistência sobre essas perguntas fez com que eu colocasse em discussão aquilo que eu percebi que vivia como um pressuposto óbvio, como uma coisa dada por óbvia: a minha fé. E isso, não apenas naquela noite nos Exercícios. Essa desorientação e a oscilação de uma certeza que pensava ter, me acompanhou nas semanas seguintes. Porém, esse colocar em discussão, nestas semanas, aquilo que me parecia óbvio, ressoou em mim exatamente como uma reprovação, para usar a palavra citada no Apocalipse, como se evidenciasse uma infidelidade minha, um estar saciada, satisfeita com aquilo que tenho, e não chegar ao ponto. Mas eu me pergunto: é exatamente aqui que você queria nos levar? Porque não vi muito resultado no percurso feito nestes anos em que, no entanto, sempre vi você nos advertir sobre o risco de nos medirmos a partir daquilo que fazemos. Então, esse colocar-me em discussão causou em mim esse efeito, como se dissesse: não me envolvi completamente quando pensava que o tinha feito.*

Carrón: É belíssima essa pergunta, porque nos ajuda a ver a diferença. Muitas vezes, ouvimos essas perguntas como uma reprovação, como um medir aquilo que conseguimos fazer, que pode ter um aspecto verdadeiro, mas não é o que me interessa agora. Porque eu, preparando os Exercícios e escolhendo seu título, tinha presente tudo o que atravessamos este ano, em que nada nos foi poupado, e cada um sabe bem o desempenho que teve e a imagem que passamos. Por isso, aquilo que você diz já era evidente antes de começar a partida. Aqui, ao contrário, a questão é se estamos mais desanimados ou mais entusiasmados com a nossa fé. Não é o nosso desempenho que estou tentando evidenciar, mas se aqui, em tudo aquilo que não nos foi poupado, nós percebemos a Sua presença. Se o fato de ter sido tirado tudo de nós, de termos ouvido dizerem tudo contra nós, pode nos separar do amor de Cristo. Essa pergunta quer deixar claro que nada, nem mesmo tudo o que atravessamos, poderia tirar de nós essa evidência. Mas não podemos chegar a isso – como muitas vezes pensamos –

prescindindo daquilo que acontece, mas somente atravessando aquilo que acontece. São Paulo teve que atravessar enormes dificuldades, mas elas o levaram a uma certeza: “Quem nos separará do amor de Cristo?”. Quer dizer, a pergunta não é para examinar o que fizemos, mas para verificar se nos surpreendermos agarrados a Cristo. O teste não era sobre nós, mas sobre Cristo! Porque é ali, naquele momento, que Cristo mostra a Sua diversidade, que torna evidente aos nossos olhos quem é Ele. O que resiste? Não são os nossos feitos (sabemos bem disso), não é a nossa energia. O que resiste é Ele, a Sua presença. Resiste Aquele que nos agarrou. Resiste o reconhecimento da Sua presença, que não é o esforço da vontade de um reconhecimento, mas é a surpreendente maravilha do início multiplicada ao infinito. De fato, pensamos: “Tudo bem que ele goste de mim no início”; o problema é que quando conhece tudo de mim, quando sabe de todos os meus erros, embora Ele tenha piedade de mim, embora cuide de mim, embora se mostre tão decisivo para a minha vida – tanto que nada nem ninguém pode me separar d’Ele –, isso me faz dizer: mas quem é Cristo? O objetivo das perguntas de sexta à noite é fazer aflorar toda a novidade de Cristo, porque é isso que nos permite ser gratos, que nos permite viver a fé como reconhecimento de uma presença tão excepcional que nos deixa atordoados. Então, aquilo que resiste não somos nós, o que resiste é Ele, o que perdura é Ele. A verdade é aquilo que dura no tempo. Aquilo que resiste é Ele. Vimos isso, o Deus de Israel pode levar seu povo ao exílio para mostrar que Ele é um Deus diferente. Para todos os outros povos, assim que o império cai, o deus deles desaparece, mas Ele pode permitir o exílio para mostrar que permanece para sempre. E isso é o que nos dá toda a certeza para fazer o caminho, é o ponto de certeza inabalável que se funda não sobre o que fazemos, mas sobre Ele. Este é o caminho da fé que queremos continuar percorrendo. O caminho – como vocês veem – não são os comentários sobre o texto, mas ver, acompanhados do texto, toda a experiência que se desenrola diante dos nossos olhos na realidade. Aqui está toda a diferença. Nessa perspectiva, é impressionante poder fazer esse percurso acompanhados por aquilo que o Papa Francisco nos disse quando fomos a Roma. Na sua simplicidade desconcertantemente nos mostrou isso, nos testemunhou isso: diante da crise do humano (que não pode ser reduzida a sociologia, porque não basta uma organização para resolvê-la) é necessário Jesus, Jesus! Então, a fé é um encontro com Jesus, é um reconhecimento da Sua presença. E isso quer dizer que a comunicação da fé só pode se dar com o testemunho, isto é, com a colocação de uma experiência diante de todos. É exatamente isso que nos permite seguir o Papa em todas as modalidades com as quais nos surpreende: que experiência faz de Cristo para ter a necessidade da oração, para precisar deixar-se olhar por Jesus! Porque, como diz o Papa Francisco, se alguém pode viver deixando-se guiar por Jesus, é porque Jesus não é um personagem ou um discurso do passado, mas é contemporâneo e está agindo na vida. É Ele que através das circunstâncias mais banais nos chama a responder, nos desperta. Por isso, se temos presente, também no trabalho sobre os Exercícios, tudo o que o Papa nos testemunhou com simplicidade, podemos encontrar uma ajuda preciosa para poder tocar com as mãos o que quer dizer a fé como uma experiência vivida, não simplesmente – retomo exatamente a imagem do Papa – como reflexões teológicas feitas em volta de uma mesa tomando chá. Exatamente o contrário! Por isso é preciso ir de encontro à realidade e fazer a verificação ali, não ficar empoleirados.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, 19 de junho, às 21h30. Retomaremos a Primeira Palestra dos Exercícios da Fraternidade, como já introduzimos hoje.

O **Movimento pela Vida**, como vocês sabem, lançou a iniciativa “**Um de Nós**”, à qual aderiram todas as associações católicas. Trata-se de um abaixo assinado para toda a Europa para pedir o fim do financiamento de atividades que favoreçam o aborto e pesquisas que pressuponham a destruição de embriões humanos. Vocês encontrarão o formulário do abaixo-assinado também em *Tracce* de junho. Recomendamos que o proponham em seus ambientes de estudo e trabalho, entre seus familiares, amigos e conhecidos, nas paróquias onde ainda não tenha sido feito e, possivelmente, em colaboração com outras associações.

É providencial para cada um de nós, manter esta iniciativa enquanto estamos lendo o livro do mês, *Il potere dei senza potere* [*O poder dos sem poder*; sem edição em língua portuguesa], porque este livro coloca questões que não datam somente do império soviético, mas repropõe com clareza que o verdadeiro poder que todo homem tem, que o eu tem, é o amor pela realidade e pela verdade das coisas. É isso que permite não sermos homologados com a mentalidade dominante, que provavelmente hoje é ainda mais invasiva do que aquela imposta pelo regime soviético. A experiência cristã torna mais agudo esse amor pela realidade e pela verdade das coisas e a afirmação disso é uma ajuda para a consciência de si e para o crescimento da própria humanidade mais do que qualquer resultado imediato.

Veni Sancte Spiritus.